

MENINOS TRABALHADORES

ZAHIDÉ MACHADO NETO

Do Dep. de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

RESUMO

Com base num estudo realizado com menores de um bairro periférico da cidade de Salvador, Bahia, a autora discute a problemática do trabalho infantil, relatando diversos casos em que o trabalho das crianças é essencial à sobrevivência do grupo familiar. O artigo descreve como as diferentes tarefas são distribuídas entre as crianças conforme sua idade e sexo e como os critérios de distribuição são afetados pelas necessidades familiares.

SUMMARY

Based in a study made with children from a poor neighbourhood in the city of Salvador, Bahia, the author discusses the problem of child work, reporting various cases in which the work of the children is crucial to the family group survival. The article describes how the different tasks are distributed among the children according to their age and sex, and how the criteria for this distribution are affected by the family needs.

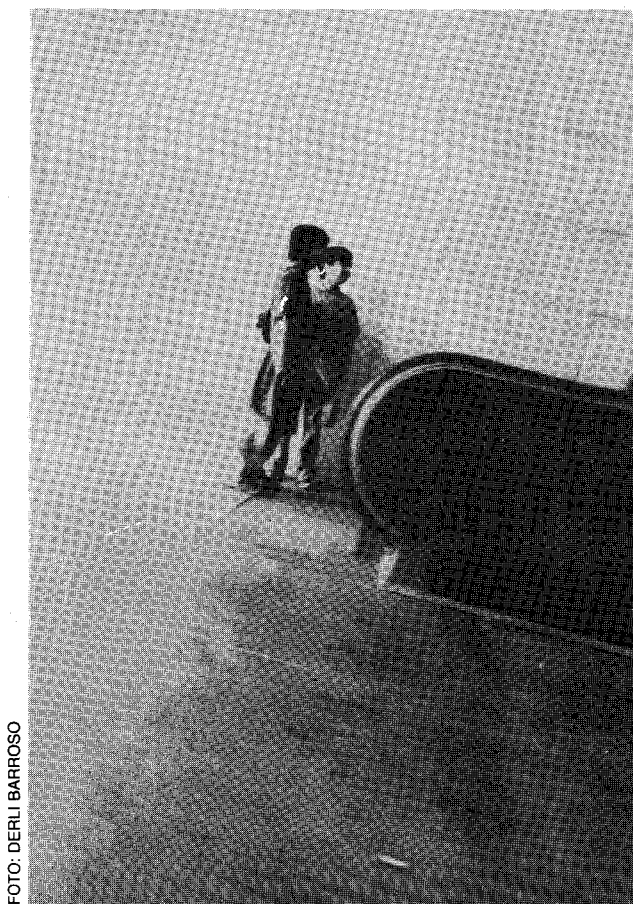


FOTO: DERLI BARROSO

Já se constitui num fato bastante divulgado, quando se comenta os problemas que afetam a vida das classes trabalhadoras no Brasil, a incapacidade cada vez maior da renda do trabalho das famílias para atender a suas necessidades básicas.

A contínua depreciação dos salários vem impondo crescentemente o ingresso de mulheres e crianças nos vários setores de trabalho, como um meio de angariar recursos de modo a ampliar aquela renda, quase sempre exígua para atender os reclamos de uma família geralmente numerosa e com uma população predominantemente jovem.

Nas camadas mais pobres dos países subdesenvolvidos e dependentes, desde muito cedo a criança é compelida a exercer alguma atividade que possa reverter em ingressos para a família, e muitas vezes o seu trabalho é a única fonte de renda, quando faltam os pais ou quando os membros adultos são velhos doentes ou inválidos.

O trabalho infantil e adolescente, como o trabalho doméstico, fica invisibilizado pelo modo como ele é realizado; pela interveniência de certos fatores, como por exemplo, a própria família, ou pelo desenquadramento das atividades nas ocupações mais comuns, mais formalizadas e identificáveis.

No meio rural a participação da criança, como a da mulher, está "escondida" sob a relação contratual que se estabelece entre o proprietário e o membro adulto e masculino da família. Embora as negociações se estabeleçam com este, toda a família participa das etapas produtivas, às crianças cabendo tarefas de acordo, quase sempre, com a idade.

Nos centros urbanos industrializados em acelerado crescimento, a criança e o adolescente das camadas mais baixas buscam por muitos meios melhorar a renda doméstica em variadas atividades de serviços, pequeno comércio, produção simples de mercadorias, entre outras. Elas são exercidas paralelamente e com uma intermitência que se torna muito difícil identificá-las. Por sua vez, em certos momentos, o trabalho, o que vale dizer, a atividade da qual vai resultar algum ingresso em dinheiro ou mesmo em insumos, está envolvido aparentemente com a atividade da rotina familiar, o que dificulta ainda mais a observação de quem queira se abalarçar a descobrir o nível de relevância do trabalho do menor na vida da família e o processo de seu comprometimento com a vida adulta.

Ao realizar uma investigação num bairro periférico da cidade de Salvador pude observar a atuação de menores de ambos os sexos na vida da família, realizando numerosos trabalhos, substituindo os pais em suas tarefas, e ali mesmo, no âmbito familiar, participando de toda uma atividade doméstica na produção de bens, principalmente alimentos, geralmente comercializados pelas próprias crianças.

A observação foi mais adiante e se estendeu para os limites de um desprezencioso estudo de caso, sem maiores comprometimentos teóricos, balizado tão somente

no fato, já por demais conhecido no campo das Ciências Sociais, de que as populações dos estratos mais pobres dos centros urbanos em crescimento, entre outras dificuldades, enfrentam aquela de desenvolver uma atividade contínua e desgastante na busca de meios para sobreviver (excluídos que estão dos mercados de trabalho), tendo-se que valer de variados expedientes nos quais todo o grupo doméstico acaba por se comprometer.

As crianças e adolescentes foram vistos a partir do grupo familiar, e as atenções do investigador foram-se concentrando predominantemente no trabalho dos meninos na comercialização dos produtos do trabalho de suas mães, irmãs e de outras mulheres que os contratavam para vender doces, bolos, amendoins, cafezinho, e para ajudá-las nos serviços de carrego e embalagem de comidas típicas (acarajé, abará, cocadas) e em outros serviços dentro do bairro, prestados a famílias que tinham condições para pagá-los, o que se configura, de um modo geral, como biscate. Pôde-se, também, observar outras modalidades de trabalho fora do bairro, realizadas com certo nível de autonomia e sem o controle da família, as quais, pelo modo como são feitas, possibilitam ao menor um maior contacto com a cidade, aproximando-os até mesmo de grupos organizados de contraventores especializados em pequenos furtos, receptação e tráfico.

Tentou-se identificar os critérios de utilização da força-de-trabalho do menor e o nível de seu comprometimento na manutenção da família, e bem assim as relações entre o trabalho do menor e o adulto, seja ou não membro da família.

A disponibilidade para o trabalho está diretamente relacionada com as necessidades do grupo familiar. Desse modo, os meninos das famílias cujos pais não têm emprego regular, que são doentes ou inválidos, das famílias de mulheres e daquelas nas quais por qualquer motivo não há pessoas adultas, mais cedo terão de procurar serviços ou serão utilizados pelos familiares para algum trabalho produzido pelo grupo. Do mesmo modo, a qualidade do serviço a ser prestado também será avaliada de acordo com as necessidades das famílias; estas também decidirão da maior ou menor freqüência à escola ou, mais exatamente, quando o trabalho, porque necessário, interferirá com a escola, o que pode acontecer até o nível de seu total abandono.

Os meninos observados tinham de dez a dezessete anos, mas chegou-se a acompanhar alguns com sete, oito anos, aos quais a pressão das necessidades da família impunha a busca de remuneração por algum trabalho. Esse era o caso de uma família constituída exclusivamente de menores. Após a morte da mãe, que ocorreu três meses depois da do pai, não havendo parentes próximos, os vizinhos começaram, como aliás já

vinham fazendo quando os pais estavam doentes, a ajudar as crianças, cujas idades variavam de quinze anos a seis meses, num total de cinco meninos e duas meninas. O menino mais velho decidiu, mesmo contra a opinião da vizinhança, que deveriam ficar juntos. Ele já trabalhava carregando compras num super-mercado de um bairro, próximo, e esse biscate vinha ajudando a família, pois o pai, trabalhador avulso, fazia biscates e pequenos serviços de pedreiro. Os dois seguintes, uma menina de quatorze anos e um menino de doze, vinham conseguindo ganhar alguma coisa, ela como ajudante de cozinheira num restaurante do bairro, ele como ajudante de um vizinho, bombeiro-hidráulico autônomo. Com a renda do trabalho desses três, além dos pequenos serviços de carregar água e tirar lixo, feitos esporadicamente por um outro menino, de dez anos, procuravam solucionar de algum modo a sobrevivência da família. Os serviços domésticos, principalmente o cuidado dos menores, ficava com uma menina de nove anos, mas os demais também participavam, na medida em que o trabalho fora de casa permitia. Os problemas maiores eram, além de conseguir dinheiro para a alimentação, pagar o aluguel da casa de dois cômodos, a água, fornecida por uma vizinhança próxima, e a luz, obtida por um "gato" do vizinho.

A vida dessa família de menores se passava, principalmente para os mais velhos, quase que exclusivamente dedicada ao trabalho. A jornada diária dos dois adolescentes chegava a alcançar dez horas de atividade. Nos sábados, o dinheiro ganho durante a semana era reunido e, para tanto, o mais velho tinha que afirmar sua autoridade ante o mais moço, de doze anos, que sempre se recusava a entregar a fêria recebida, alegando que queria ir ao futebol. A visível liderança do mais velho parecia importante para manter convenientemente o grupo. Ele distribuía as tarefas domésticas a serem feitas, impunha certa ordem no exíguo espaço onde viviam e chegava mesmo a castigar os que se recusavam a obedecê-lo.

A menina ajudante de cozinheira conseguia trazer para a família algumas sobras do restaurante, o que ajudava um pouco a difícil repartição do alimento feita por ela própria.

O problema maior para o grupo, além do dinheiro, era a saúde dos pequenos. Aconselhados pelos vizinhos, procuravam o posto médico, geralmente para uma menina de dois anos, sempre doente. Ter que levar a irmã ao posto implicava para a menina de quatorze anos em faltar ao trabalho e ter de contar com a benevolência do dono do restaurante. A criança de seis meses morreu e o grupo enfrentou os problemas de enterro, valendo-se ainda uma vez da experiência da vizinhança e apelando para um serviço particular de caridade.

Pouco depois, mais dois deles ficaram doentes e pôde-se saber que estavam tuberculosos. Os dois mais velhos nesse momento estavam às voltas com o menino de doze anos que havia fugido de casa, e os problemas se acumulavam. Eles temiam a intervenção do Juizado de Menores, pois alguém lhes informara que eles não podiam ficar sem o controle de uma autoridade ou de uma família.

A esse tempo, morrera um dos meninos tuberculosos e o outro tinha sido internado num hospital através da ingerência de uma organização religiosa do bairro. Esta, por sua vez, tentou orientar o grupo para soluções de ordem institucional através do Juizado de Menores, propondo adoções, internamentos, mas os mais velhos resistiram e no momento em que foram ultimadas as observações estavam procurando outras fontes de trabalho.

Este relato é de um caso não muito comum, mas esclarece um pouco até que limites um grupo de crianças e adolescentes pode chegar no esforço de trabalhar para sobreviver.

O trabalho das crianças é realizado inicialmente dentro do grupo doméstico. Afora as tarefas especificamente voltadas para a família, sua participação se inicia em algum afazer ligado ao trabalho produtivo familiar. A partir das necessidades do grupo ela poderá lançar-se ao biscate no espaço do bairro, e aí distinguem-se os meninos das meninas, na medida em que aqueles poderão distanciar-se da casa mais precocemente que as meninas. A discriminação leva em conta sexo e idade. Nos trabalhos domésticos, as meninas menores estarão sempre mais oneradas que os meninos e, quando adolescentes, a exigência de participar do orçamento familiar será sempre maior em relação aos meninos.

Levando-se em conta alguns critérios de utilização da força-de-trabalho do menor em relação à condição familiar, pode-se compreender melhor o nível de sua participação no trabalho.

As necessidades familiares obviamente ditarão não só a idade em que a criança será compelida a procurar algum ganho, mas também o tipo de atividade, e o que se poderia chamar de maior ou menor distanciamento físico do espaço doméstico.

As famílias cujos pais têm empregos relativamente regulares não se dispõem a fazer com que os filhos muito cedo procurem trabalhar. Mas se elas são famílias numerosas, não se espera chegar a adolescência para instar a criança ao trabalho.

"Quando nós tínhamos só os quatro maiores, o dinheiro dava e eles foram à escola, andavam direitinhos. Mas agora é diferente. Oito filhos e a vida como está, o jeito é todo mundo se virar. Até o de nove anos já faz uma coisinha. Eu deixei ele vender pastel para D.F. e ele faz uns vinte cruzeiros por dia; e só de tarde, e não é todo dia, mas ajuda".

"Eu não quero que meus filhos fiquem por aí largados trabalhando prós outros. Enquanto eu puder, não é? Só tenho dois filhos e meu marido e eu vamos agüentando. Só quando o mais velho tiver uns treze ou quatorze anos, aí ele pode achar uma coisa mais certa, mais direita, emprego mesmo. A menina, não, se Deus quiser ela não vai trabalhar, vai estudar".

De modo geral, nas famílias cujos pais são doentes ou inválidos, o trabalho das crianças torna-se imprescindível e, às vezes, é a única fonte de renda da família. Se o doente ou inválido é o pai, a mãe procurará inicialmente poupar as crianças, mas pouco a pouco ela própria encontrará nas dificuldades o incentivador e o justificador do trabalho dos filhos.

Numa família de cinco filhos, em que o mais velho tinha doze anos e o mais moço apenas sete, e cujo pai estava inválido e sem qualquer recurso, todos, de alguma sorte, angariavam recursos fora de casa. A mãe, lavadeira, se incumbia de encontrar os meios e gerenciava o trabalho, oferecendo-o não só no espaço do bairro, principalmente o pequeno comércio de barracas de doces produzidos por outras mulheres, mas também nos serviços fora do bairro. O filho mais velho começou a trabalhar levando e trazendo as roupas da clientela da própria mãe e de outras mulheres. Daí, entrou em contacto com um homem que controlava clandestinamente um estacionamento de automóveis, passando a auxiliá-lo. Posteriormente, conseguiu livrar-se desse controle e angariar fregueses no próprio estacionamento para lavar os carros. Esse menino chegava a lavar vinte automóveis por dia e trazia para casa uma fêria de aproximadamente cento e cinquenta cruzeiros, depois de pagar ao "posseiro" do estacionamento. Seu tempo diário de trabalho era de aproximadamente dez horas, e muitas vezes terminava por dormir no próprio estacionamento, quando ficava muito tarde e não havia mais transporte.

Após a invalidez do pai, este, com os outros dois maiores — uma menina e um menino — deixaram a escola. *"Não podem ir pra escola porque senão a gente não come. A menina de onze anos ajuda uma "baiana" de acarajé a vender. Sai às dez horas da manhã e volta às oito da noite. Não pode também. O menino de dez anos é ajudante de borracheiro aqui perto e trabalha o dia todo. É, fui eu que arranjei tudo"*.

A menina conseguia fazer por volta de trinta cruzeiros diários, mas queixava-se muito da "baiana" que a explorava, porque ela carregava as coisas mais pesadas, no local de venda tinha que fazer tudo às pressas e era maltratada. A "baiana" costumava empurrá-la enquanto andavam e, às vezes, não pagava o trabalho. Essa menina, antes de sair ajudava a mãe a dar o banho no pai hemiplégico e surdo-mudo e levava um irmão mais moço à escola.

O menino ajudante de borracheiro ganhava por semana cinquenta cruzeiros, mas fazia alguns extras de gorjetas chegando a levar para casa cento e vinte cruzeiros.

Havia da parte da mãe um empenho muito grande em controlar os ganhos dos filhos. Sua maior preocupação, quando estes chegavam com o dinheiro, era tomá-lo, alegando imediatamente que disso dependia a sobrevivência de todos. De fato, o controle sobre os dois mais moços parecia absoluto, mas quanto ao mais velho havia queixas e ela temia que em pouco tempo o filho começasse a se recusar a entregar-lhe a fêria. *"Ele está começando a criar asa, não quer dar o dinheiro todo e é uma luta porque quer jogar o que ganha em futebol e roupa"*.

Numa família constituída por quatro crianças e seus avós, ambos doentes e com mais de sessenta anos (os pais morreram: ele de doença de Chagas, ela de eclâmpsia), o problema parecia mais agravado. A menina mais velha, com quatorze anos, trabalhava durante o dia como babá em casa de uma família em melhores condições, no próprio bairro, ganhando seiscentos cruzeiros mensais. Um menino de treze anos vendia cafezinho para o dono de um bar no centro da cidade, e fazia uma fêria de aproximadamente vinte cruzeiros diários, mas esse trabalho era intermitente e dificultado nas épocas de chuva. Por sua vez, ele já tinha sido detido duas vezes por fiscais do Juizado de Menores e foi necessário a intervenção de um vizinho que agenciou as providências para a legalização da situação dos menores sob a tutela dos avós. Os outros meninos faziam biscates, tirando o lixo de algumas casas dos pontos melhores do bairro, mas a própria natureza do serviço não possibilitava um cálculo aproximado.

Dessa sorte, os recursos familiares dependentes praticamente do trabalho da menina e do menino mais velho, e de uma ajuda oferecida por uma comadre da avó, espontaneamente colaborava com quinhentos cruzeiros por mês, dinheiro que era buscado pelo menino mais velho enquanto trabalhava. Além do trabalho, a menina tratava dos afazeres domésticos, pois a avó sempre estava doente. À noite, ela preparava a comida e em muitos dias lavava a roupa. Nas folgas de domingo, ainda estava ocupada em casa, só lhe restando para algum descanso as tardes daquele dia.

O controle do orçamento doméstico era feito pela menina e sua avó. Elas sempre se queixavam da pequena participação do menino mais velho, e a avó lamentava que ele não encontrasse um trabalho mais certo e rendoso. Também nesse caso havia suspeita de que o menino não entregava à família toda a fêria. Mas o fato é que se observou que, enquanto não estava na venda de cafezinho, ele participava com dois outros meninos das redondezas de um interessante comércio de pequenos pássaros. *"Ele tem um primo que traz os passarinhos de um lugar aí, acho que é de Amélia Rodrigues. Aí a gente vende, porque ele tem vergonha. Eu conheço uns homens lá em cima que gostam desse negócio de criar passarinho, e eles conhecem outros. Aí a gente fica por perto, mostra, fica por ali e vende. O dinheiro é partido. Não, não tem esse negócio de enganar não. Eu fico de olho no "meu". Tirado o dinheiro do dono, aí a gente parte. No domingo eu vendi um curió de duzentos cruzeiros e fiquei com cinquenta. Não fiquei com o dinheiro não. Pergunte a D.F., ela viu que eu dei o dinheiro a Vó. Ela viu"*.

"F. vende mesmo. Ele é um menino muito sabido e se não é ele, esse povo não sei como estava. Não tem essa semana que ele não faça os trocados dele de passarinho. Meu irmão mesmo já comprou uns. Eu sempre vejo ele dando o dinheiro a D.B. Esses meninos não param, todo mundo aqui fala que eles é que sustentam mesmo a família".

Outra família de pai inválido (mãe falecida), com seis filhos entre dezessete e quatro anos, procura resolver

sua sobrevivência com o fruto do trabalho dos menores. Neste caso, há particularidades que devem ser ressaltadas. O filho mais velho, depois de comercializar uma série de produtos — amendoim, doces, cafezinho — conseguiu, com a ajuda da mulher para quem vendia os doces, um pequeno capital para um tabuleiro de venda semi-ambulante de cigarros no próprio bairro. Enquanto trabalhava num pequeno bar, num bairro próximo, deixava o tabuleiro a cargo de dois irmãos com treze e doze anos. Embora temessem a fiscalização municipal, pois não tinham qualquer licença, continuavam o comércio que o mais velho controlava com severidade e não sem alguma violência, pois achava que só assim os irmãos levariam o negócio a sério. No princípio, ele necessitou sair do emprego, onde não tinha carteira assinada nem qualquer outra garantia, para fiscalizar o trabalho dos irmãos; depois de treinados, a confiança aumentou e só à noite, juntamente com o pai (semi-paralítico por derrame cerebral), acertavam as contas que eram feitas cuidadosamente de modo a garantir o capital para a compra de mercadoria.

Nenhum desses menores freqüentava escola, salvo os meninos mais moços. A menina de doze anos, gêmea, cuidava da casa e dos irmãos. Um cálculo, certamente falho, da renda familiar aproximou-a de três mil cruzeiros mensais, levando-se ainda em conta o fato de que, além do trabalho no bar e do negócio de cigarros, o mais velho começava a tentar, também com os irmãos, inclusive os menores, a venda de amendoim nas ruas mais movimentadas do bairro. Havia poucas semanas, mas aquele adolescente, sem dúvida um caso muito particular de dedicação ao trabalho e espírito de iniciativa, conseguia ativar todo o grupo doméstico para o pequeno negócio. Era interessante observar que, ao avaliar todo seu esforço, o menino partia sempre do exemplo do proprietário do bar onde trabalhava, ao que parece uma pessoa cuja história de vida apresentava algumas similaridades com a sua. Contudo, em nenhum momento ele atinava para o fato de que o patrão não cumpria com as obrigações trabalhistas para com ele, e chegava mesmo a considerar um privilégio poder trabalhar com regularidade e obter um salário. Sua grande preocupação, naquele momento, era o serviço militar que poderia afastá-lo do trabalho e da família. *“É, eu já pensei nisso. Não sei como vai ser. Desde que meu pai ficou assim que eu vi que tinha que me virar. Sr. F. me ajudou e eu estou levando. Tem gente que diz que eu estou criando cobra pra me morder, e que os meninos depois nem vão agradecer. Mas o que é que eu ia fazer com Pai assim? Não tenho parente, só um tio em São Paulo, que a gente nem sabe onde mora. Quando minha mãe morreu as vizinhas ajudaram e Pai estava doente mas não estava parado. Agora é isso mesmo. Ele nunca teve carteira. No interior trabalhava na enxada e aqui trabalhava de pedreiro, mas era coisa pequena, que uns chamavam para uma obra e ficava nisso. Que é que eu vou fazer? Não tenho com quem me pegar e se pegar farda tenho que dar o jeito”.*

As famílias de mulheres, o que vale dizer, as famílias nas quais não há um homem presente no grupo familiar, a situação não se mostra muito diferente das demais. Também neste caso, a criança é incentivada a trabalhar muito cedo, quase sempre auxiliando a mãe nos variados expedientes que ela utiliza para angariar recursos para a manutenção do grupo. Embora, nesses casos, a discriminação aparente ser menor, pois os trabalhos “de menino” e “de menina” não sejam tão enfaticamente determinados, o fato é que desde cedo as crianças participam não só do trabalho propriamente doméstico mas também de quantas possibilidades de ganhar dinheiro apareçam.

Em todas essas famílias, observa-se que o trabalho infantil e mesmo adolescente está quase sempre controlado pelo adulto ou pelo irmão mais velho, e todo empenho desses é no sentido de reter para o grupo qualquer forma de renda obtida. Em famílias nas quais o adulto não tem condições de assumir mais diretamente o controle, os mais velhos, os adolescentes, passam a desenvolver junto aos mais novos a autoridade necessária para que a renda venha a se concentrar em suas mãos. Eles agem com relativa severidade com os irmãos e nota-se mesmo o que se poderia chamar de um processo de “adultização”, que se exterioriza nos mínimos detalhes da conduta dentro e fora do grupo. Em muitas das famílias observadas, esse papel é assumido independentemente do sexo e, se ocorre alguma contestação por parte dos mais jovens, o apoio do adulto ao mais velho é incessante e em certos momentos se demonstra num quadro de apelo à colaboração dos menores como único recurso possível.

Numa família de quatro filhos — dois adolescentes (dezesseis e quinze anos) e dois menores (treze e onze anos), mãe doente (provavelmente chagásica) e pai falecido — a liderança familiar era visivelmente da menina de quinze anos. Ela assumia os trabalhos domésticos e tentava estudar e trabalhar como ajudante de costureira numa pequena indústria de confecções. Isso tornava-se cada dia mais difícil, porque a mãe estava constantemente impossibilitada de qualquer trabalho dentro da casa, e nesse caso a escola era deixada em segundo plano. Na pequena indústria que seria mais exatamente um artesanato de acabamento de confecções populares, ela ganhava por peça, e desse modo não sofria maiores exigências quanto ao cumprimento de horário. Ao fim da semana, a fêria chegava em média a duzentos cruzeiros. Quando a mãe, lavadeira, não conseguia dar conta da roupa, o que não era raro, ela via-se obrigada a dar conta do serviço à noite e no fim de semana. Nisso era ajudada pela irmã de treze anos, que também conseguia fazer algum biscate auxiliando uma mulher na venda de produtos de beleza a domicílio, geralmente dentro do bairro.

O problema maior dessa família era o filho mais velho. Ele tinha deixado a escola, quando a situação familiar se agravou com o falecimento do pai e a precariedade

de saúde da mãe, passando a fazer algum biscate numa barraca de jornais num bairro do centro da cidade. A partir daí, pelo que se depreende dos relatos familiares e de vizinhos, "virou pivete, não vinha em casa e diziam até que foi preso, mas que soltaram com pena (!). Ele agora, vem, passa dias sem fazer nada, dormindo e chateando todo mundo". "Ele gosta da mãe e da gente, ele é muito revoltado porque passou muita dificuldade. E se meteu com umas companhias por aí. Eu vou dizer a V. porque eu lhe conheço e tenho confiança. Um dia eu conversei com ele. Ele não queria falar, mas depois não deu pé porque eu apertei, porque Sr. F. tinha me contado umas coisas, aí ele falou, acho que até quis desabafar. Ele ajuda um rapaz que faz umas coisas, essas de abrir bolsa de mulher nos ônibus, de apanhar as coisas, de roubar. É ele e um outro. Sabe como é, um apanha e o outro corre, não sei, é eles lá quem sabem. Ele foi pegado, mas não quis dizer que jeito dera. Agora tem mais umas outras coisas que ele ficou com medo de dizer; acho que é coisa pior que a polícia ainda castiga mais. É de fumo. Eu fiquei com medo, mas era mais que Mãe desconfiasse. Ele não é ruim. Ele dá dinheiro a Mãe quase toda semana. Quando ela esteve uns dias na cama ele deu mais dinheiro, deu até a mim, deu quinhentos cruzeiros. Ele dá sempre. Não sei, é uma coisa atrapalhada, não é? Que é que a gente faz? Dizem que é mesmo que roubar receber dinheiro roubado. Ele é meu irmão. Eu tenho medo".

A procura de observar com maiores detalhes o trabalho dos meninos possibilitou acompanhar seu desempenho e os problemas de algumas de suas atividades.

Ainda uma vez, as necessidades familiares determinarão a maior ou menor dedicação das crianças ao trabalho. Nas famílias em que os pais têm uma ocupação mais definida e de alguma sorte um emprego mais estável, embora participem do trabalho doméstico, as crianças e adolescentes não estão sujeitas às pressões que se verificam nas outras famílias, principalmente naquelas em que à doença ou invalidez do adulto se acrescenta um número maior de filhos. E essa pressão nem sempre é feita pelo próprio adulto, que em certos casos não tem qualquer condição de controlar a vida dos menores, mas pelos mais velhos. As situações vão impondo a necessidade de a criança ter que deliberar, mesmo que minimamente, tomando as providências para a alimentação, lavando a roupa, e espontaneamente procurando algum meio de ganhar dinheiro.

O trabalho doméstico para o grupo é sempre maior para as meninas que para os meninos, sendo raros os casos — e sempre nas famílias de pais que trabalham e têm emprego — em que as tarefas da casa cabem exclusi-

vamente à mãe ou a outro membro adulto da família, uma tia ou avó, por exemplo.

O trabalho doméstico de produção de alimentos, mesmo naquelas famílias, incluirá a participação das meninas, enquanto a comercialização ocupará os meninos.

As necessidades familiares compelirão a procura de alguma atividade fora da casa e, por sua vez, influirão no afastamento da escola e do espaço do bairro.

O tempo dedicado ao trabalho será sempre maior para os que têm que se deslocar para outros pontos da cidade. Os que trabalham na vigilância e lavagem de carros são os que têm a jornada mais longa pois, entre outras dificuldades, precisam, para manter suas posições nos estacionamentos e ruas, estar sempre presentes, sob pena de serem "passados para trás" ou substituídos por outros meninos. Situação semelhante acontece com os que trabalham em bancas de jornais e de cigarros. A jornada para eles atinge média de dez horas diárias.

Para os que trabalham no espaço doméstico e das suas proximidades, além do controle do grupo familiar ser maior, a convivência com outras pessoas e grupos fica sempre mais limitada, e as distrações e brincadeiras serão sempre mais convencionais ou, mais exatamente, mais de acordo com a idade. O menino de dez anos que vai ao centro da cidade, às praias, a bairros mais movimentados, vender doces, por exemplo, não terá condições de jogar bola ou empinar papagaio. Se ele encontra a oportunidade de participar de uma pelada na praia, por exemplo, terá o problema de perder a mercadoria e de arcar com o ônus dessa perda na prestação de contas que terá de fazer à mãe ou à mulher que o contratou.

Em certos pontos da cidade, nos quais é mais comum o comércio ambulante de doces e bolos, feito por meninos, ocorre uma situação que demanda dos vendedores desempenho muito especial.

O produto é distribuído quase sempre no início da manhã pelas produtoras, em suas casas. As mulheres consideram os turnos da escola para então entregarem a mercadoria aos pequenos vendedores. Há os meninos que vendem pela manhã, porque à tarde deverão ir à escola. Mas é comum que aqueles, cujas famílias são mais necessitadas, dobrem o serviço para ganhar um pouco mais. As vendedoras consideram ainda a idade e o que costumam chamar de "atinamento" ou "sabedoria" do menino. O critério de idade orienta o local de venda, se nas proximidades do bairro ou no centro da cidade. Quando o menino é julgado suficientemente treinado, pode passar a vender no centro, e aí terá que enfrentar o problema dos "pontos" ou das áreas, cujo domínio se faz através de pactos implícitos. O mesmo acontece com a distribuição dos espaços nas praias. Em muitos casos, um adulto — nem sempre a produtora, mas alguém ligado a ela e de sua confiança — esporadicamente fiscaliza a área e o desempenho dos vendedores.

Esse comércio, que emprega crianças e adolescentes — a média de idade dos observados é treze anos — implica num intrincado jogo de poder sobre o espaço, que leva em conta a quem pertence a mercadoria. Os meninos são "de Fulana" ou "de Beltrana", e assim as áreas

de comercialização ficam implicitamente definidas.

O sentido de clandestinidade do comércio é transmitido aos menores pelas advertências feitas pela produtora-empregadora. O exercício diuturno da escaramuça com os agentes dos órgãos de fiscalização como que aprimora um aprendizado que, em alguns casos, constitui a via de acesso a outras atividades a um tempo mais rendosas e mais exigentes da capacidade de enfrentar certos perigos, como a guarda de automóveis e, o que não é muito raro, a pivetagem e, aí, as mais variadas modalidades de contravenção.

A disputa pelo domínio da área compele quase sempre o menor a ações violentas; daí que o tamanho e a capacidade física sejam levados em consideração pela produtora-empregadora quando se trata de áreas ou pontos "quentes". As brigas entre os ambulantes podem resultar em perda da mercadoria e do dinheiro da venda.

Desse modo, o comércio ambulante, uma das atividades que mais ocupam os meninos e adolescentes das famílias mais necessitadas, favorece ou incentiva atitudes agressivas que são ainda reforçadas pela própria ambiência dos locais, geralmente no centro da cidade.

Outras atividades poderiam ser ainda mencionadas, quase todas desgastantes e favorecedoras de atitudes agressivas e mesmo violentas. De modo bastante generalizado, a procura de algum meio de obter dinheiro para a família dificilmente oferece ao menor um trabalho que, mesmo sem as garantias legais, facilite freqüência regular à escola, oportunidades de lazer ao nível de sua idade, desenvolvimento de aptidões e treinamento em ocupações definidas.

O penoso processo do que se poderia chamar de "adultização" do menor das camadas mais desfavorecidas das classes baixas é todo realizado em função da necessidade de ganhar a vida. A visão do trabalho como uma imposição para a sobrevivência deixa-o na situação de ter que se submeter a uma variedade de atividades, algumas das quais, em que tem que aplicar esforço físico maior que sua capacidade, como é o caso dos meninos que carregam compras nas feiras, trabalho que tem semelhanças com o comércio ambulante de alimentos; outras tantas, nas quais a agressividade é um ingrediente imprescindível, tanto quanto a capacidade de contornar a condição de clandestinidade em que o trabalho se realiza. ●

FOTO: DERLI BARROSO

